

# **Narrativas de memória e percepções sobre os usos sociais do espaço natural patrimonializado nas Cataratas do Iguazu (1939-2008).**

**Tati Lourenço da Costa**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista REUNI.  
tatilcosta@yahoo.com.br

## **Resumo**

O trabalho discute transformações nos usos sociais do espaço paranaense das Cataratas do Rio Iguazu, durante os 70 anos do Parque Nacional do Iguazu (PNI), criado em 1939. Em 2008, participei da composição do acervo com quarenta entrevistas em vídeo para o PNI, a partir das quais empreendo uma análise com foco nas narrativas sobre a natureza enquanto espaço praticado. Onde se observa fatores que encaminham algumas mutações nos modos de fruição da paisagem, sinalizados na própria dinâmica que alterou o nome de “Saltos de Santa Maria” para “Cataratas do Iguazu”. A área, usada como parque público dos moradores da região num passado muito próximo, com o tempo adquire novas configurações para atender às demandas por ampliação do fluxo turístico de massa, ligado também ao circuito internacional. Ao combinar vozes de funcionários do Parque, profissionais do turismo, educadores, agricultores e moradores antigos de Foz do Iguazu, ficam perceptíveis algumas singularidades nos processos de subjetivação e identificação das pessoas em relação ao meio ambiente. O aporte teórico do trabalho dialoga com pesquisas sobre relações históricas entre comunidades, áreas de conservação ambiental e região do Iguazu. Além dos debates a respeito da própria constituição das fontes, com apontamentos metodológicos que situam, sob o panorama da história do tempo presente e história oral, diálogos entre memória e história, considerando o circuito social das práticas de memória e de comemoração.

**Palavras-chave:** Cataratas do Iguazu; Memória; História oral.

## **Abstract**

The paper discusses changes in the social uses of space at Parana River Iguazu Falls, during the 70 years of the Iguazu National Park, created in 1939, by observing narratives about nature as a practiced space, available on forty video interviews. I've noted factors that forwarded some mutations in the ways of landscape enjoyment. The area was used as a public park for local residents in the past. At present days it acquires new configurations demanded from the expansion of the mass touristic influx. By combining the voices of park officials, tourism professionals, educators, farmers and former residents of Foz do Iguacu, some peculiarities are noticeable in the subjectivation and identification processes. The work dialogues with researches on historical relations between communities and environmental conservation areas. It also debates methodological overview about the history of the present time and oral history, considering the social circuit of the practices of memory and commemoration.

**Keywords:** Parana River Iguazu Falls , Memory, Oral History.

O presente trabalho caracteriza uma apresentação inicial das fontes de pesquisa, em curso no doutorado, para situar transformações nos usos sociais do espaço paranaense das Cataratas do Rio Iguaçu, durante os 70 anos do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), criado em 1939. Em 2008, participei, ao lado de Daniel Choma, Mônica Laurito e Lígia Basso, da composição do acervo com quarenta entrevistas em vídeo para o projeto “Memória das Cataratas”, uma das ações empreendidas em torno das comemorações do setentenário.

O Parque Nacional do Iguaçu ocupa, atualmente, uma área de 185.266,2 hectares (em sua porção brasileira), além de 67 mil hectares em território argentino. Abrange quatorze municípios lindeiros, no oeste paranaense, cinco deles possuem terras na área do Parque: Foz do Iguaçu, Céu Azul, São Miguel do Iguaçu, Matelândia, Serranópolis do Iguaçu, outros possuem divisas ou mananciais biológicos comuns ao Parque. A região sob análise na presente pesquisa concentra-se no entorno das Cataratas, razão que justifica a ênfase de abordagem concentrada na região de Foz do Iguaçu onde o PNI adquire um papel relevante enquanto fator de fluxo migratório e elemento de constituição populacional na história da cidade.

O decreto de criação do Parque Nacional do Iguaçu, assinado por Getúlio Vargas em 1939, previa a construção de infra-estrutura no local que contemplava sede administrativa, aperfeiçoamento da estrada e trilhas de acesso aos saltos, residências para os trabalhadores e até uma olaria e uma usina hidrelétrica para alimentar as obras. A licitação ficou a cargo da Dolabella Cia Ltda, e cerca de doze pessoas, dentre os entrevistados<sup>1</sup> migraram para Foz do Iguaçu especialmente para trabalhar nas obras. É o caso de Guilherme de Carvalho, ele veio de Minas Gerais para Foz do Iguaçu acompanhando o pai, um profissional especializado nos serviços de pedra para a construção civil, de origem portuguesa, convidado pela construtora para coordenar os serviços desta natureza. Ao realizar as entrevistas nos surpreenderam algumas práticas, hoje impensáveis para uma região de conservação ambiental. Havia um britador que quebrava pedras a serem utilizadas na construção de escadarias, estradas e como elemento decorativo da arquitetura.

Fosse para trabalhar em obras de infra-estrutura, em cargos administrativos, ou no Hotel das Cataratas, as trajetórias e os projetos migratórios individuais, possuíam dois aspectos motivadores preponderantes: as oportunidades de trabalho e as redes de sociabilidade. A diversidade do perfil dos depoentes permitiu ter acesso a uma variada gama

---

<sup>1</sup> Em algumas entrevistas participaram companheiro ou companheira da personagem elencada, o que aumentou um pouco o número de depoentes: nas quarenta entrevistas foram envolvidas quarenta e quatro pessoas.

de estratégias migratórias<sup>2</sup> e singularidades nas experiências vividas. As diferenças que aí se expressam são um aspecto fundamental das contribuições da história com fontes orais para a construção do saber histórico e permitem concentrar olhares sobre as narrativas sobre a natureza enquanto espaço praticado.

“A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau (1998) tem um capítulo dedicado às “Práticas do Espaço”, o autor discute o espaço como uma operação prática, cujas produções de sentido pelas pessoas que vivem ou caminham por um certo lugar, re-significam os traçados geométricos dos mapas, através do universo das sensibilidades e de suas vivências. A atenção especial que Certeau dedica aos processos singulares de subjetivação nas apropriações do espaço, inspiram-me a buscar nos relatos sobre as Cataratas do Iguaçu, algumas das táticas operatórias dos sujeitos.



**Parque Nacional do Iguaçu, set/out/2008. Foto: Tati Costa. Acervo pessoal.**

---

<sup>2</sup> Apesar de importante elemento de análise, presente na maioria das narrativas, razão por que não poderia deixar passar em branco, a questão migratória não é o foco principal do debate no presente trabalho a temática merecerá aprofundamento em um estudo específico, mas buscarei pontuá-la, na medida do possível.

## **Modos de passar**

Início com o relato de minha experiência de visita ao Parque Nacional do Iguaçu, remontado a partir dos registros de minha caderneta, datada do período de 28 de setembro a 10 de outubro de 2008. Por ocasião do projeto Memória das Cataratas, nossa equipe hospedou-se dentro do Parque, numa pequena casinha destinada a pesquisadores, localizada atrás da residência do administrador, bem próxima de um dos acessos à trilha do Poço Preto. Na sequência, observarei as práticas sobre os mesmos espaços, narradas pelos entrevistados.

Quem visita o Parque Nacional do Iguaçu chega a uma grande estrutura, o Centro de Visitantes, onde se compra um ingresso e caminha-se em direção ao ônibus que levará à “trilha” das Cataratas. No trajeto até o ônibus há lojas de jóias, de camisetas do Brasil, e outros produtos “típicos”, ironicamente tão típicos quanto os que podem ser encontrados em qualquer loja de aeroporto internacional! O ônibus tem ar condicionado e som ambiente de pássaros, uma voz anuncia – em português, espanhol e inglês –, os produtos turísticos disponíveis: arvorismo, rapel, rafting, passeio de barco, caminhada pela trilha do Poço Preto. Todos os passeios são apenas para quem pagar valores bem maiores do que o ingresso no Parque. Com o motor e som ambiente, o que menos se pode ouvir é o som *do* ambiente. Para aqueles que buscam ar livre, o segundo andar do ônibus é aberto, porém deve-se estar disposto a lidar com certo incômodo causado pelo vento devido à velocidade do veículo. Deparo-me com um contraste em relação aos debates ecológicos e ecosóficis contemporâneos: falta, para o trajeto, a opção de deslocamento por via ciclística!

O visitante que não comprou pacote turístico especial desembarca em frente ao Hotel das Cataratas em direção à “trilha”, um caminho de cimento, às margens do rio, com alguns mirantes para os saltos. Caminha-se um trecho a mais até chegar à passarela que conduz até a vista da Garganta do Diabo, sempre apinhada de pessoas, cuja maioria são apressados passantes. Poucos são aqueles que se detêm a um olhar parado para a paisagem que não seja a pose para a fotografia.

Muitos são os grupos turísticos guiados. Uma plataforma reúne, em fila, aqueles que optarem pelo elevador panorâmico. Tais filas tornam quase claustrofóbica a permanência nessa plataforma, cujo aspecto fantástico é a proximidade com o salto batizado como Floriano, de onde alguns respingos fazem com que a plataforma esteja quase sempre úmida. O elevador ou a escada levarão direto à lojinha de *souvenirs*! Dali para a praça de alimentação chamada Porto Canoas. Grande parte da margem do rio é ocupada pela construção que abriga um restaurante luxuoso com pter privativo sobre o rio. É esta área, hoje tomada pelo concreto, o cenário da maioria das fotografias antigas dos piqueniques e outras reuniões de lazer.

À beira de uma vastidão de água, não se encontra um bebedouro e vende-se uma garrafinha de água mineral a preços ajustados ao turismo internacional. O pôr do sol, horário de magnitude espetacular, verdadeiro balé de pássaros, sinfonia de cantos e ruídos, é privilégio de poucos. O último ônibus de retorno ao Centro de Visitantes parte do Porto Canoas às 17h30, e meia hora antes, funcionários percorrem todo o trajeto apressando o final do passeio de quem estiver parado observando ao seu redor.

Em cerca de três horas, quando bem aproveitadas, está concluído o passeio no Parque. Há quem passe menos tempo apreciando a biosfera das Cataratas do que na lojinha de *souvenirs*, onde se vende fotografias da biodiversidade e das inúmeras paisagens formadas pelo rio, quedas e matas. Durante as gravações que Daniel fazia das paisagens externas, passei algumas horas observando, de um mesmo ponto, o fluxo de passantes. Tive a sensação de que um número muito grande de pessoas se contenta em ver de passagem. Tal é a magnitude “guiada” deste modo de visitação, que um visitante desavisado pode sair com a impressão de que o Parque Nacional do Iguazu se resume a uma margem do rio, entre o Hotel e as Cataratas. O que me leva a concordar que padecemos mesmo do sintoma *hipermoderno* da crise dos nossos sentidos, como menciona João-Francisco Duarte Jr. (2006) ao nos “anestesiarmos” dos principais sentidos: caminhar, ver, saborear, ouvir, cheirar, tocar.

A pergunta que se coloca: De que modo se pode fruir a natureza dentro do Parque Nacional do Iguazu nesse sistema de visitação que se assemelha quase a uma esteira industrial? Onde o som do ambiente inclui os helicópteros que sobrevoam a região, em passeios de 15 minutos. E quando sabemos que para apreciar o espetáculo da diversidade de pássaros, há que se deter parado num mesmo ponto, por um período significativo, até que os animais se acostumem com nossa presença e se sintam confiantes para maior aproximação.

Na filosofia “pessimismo na análise e otimismo na ação”, meu olhar talvez soe um tanto desiludido com o modo de fruição na atualidade, diante de contrastantes usos no passado. Alguns ângulos diversos nos modos de praticar o espaço são visíveis em fotografias antigas, especialmente quando combinadas com as vozes de funcionários do Parque, profissionais do turismo, educadores, agricultores e moradores antigos de Foz do Iguazu. São perceptíveis, ainda, algumas singularidades na constante dinâmica entre os processos de subjetivação e identificação das pessoas em relação ao meio ambiente. Neste sentido, considero a importância do sentimento de pertença, como um fator para gerar comprometimento e envolvimento com as práticas da conservação ambiental, e a pesquisa histórica como potencial instrumento para propostas de ação no presente.

## **Modos de estar**

Vejamos outras paisagens da memória, referentes a períodos um tanto mais distantes no tempo, compostas por alguns lampejos das narrativas dos entrevistados, onde se pode decantar a idéia do PNI como um espaço de sociabilidade, ou, nas palavras de Irineu Basso, o “bosque dos iguaçuenses”, onde se tomava banho de rio, pescava-se e navegava-se. Nos depoimentos sobre o espaço próximo aos saltos, encontro algumas chaves para compreender percepções a respeito de pontos específicos do rio e da mata que, num passado recente, eram utilizados como parque público dos moradores da região. Ao longo do tempo, os mesmos locais ganham novas configurações para atender às demandas por ampliação do fluxo turístico de massa, ligado também ao circuito internacional de um local que ocupa o segundo destino turístico de maior visitação no Brasil. Interessante notar como, nas práticas de lazer narradas pelas pessoas entrevistadas, delineiam-se embriões dos produtos turísticos comercializados no parque hoje em dia: os passeios de barco, a caminhada guiada pela trilha do Poço Preto, a praça de alimentação batizada de Porto Canoas.

O Poço Preto, uma área do rio acima dos saltos, aparece na maioria dos relatos como reduto de ótima pescaria, local de banho, e também como o trecho navegável com baixo risco para a travessia do rio da margem brasileira para a Argentina. A prática da pesca esportiva está fortemente associada ao lazer que era praticado no Parque. Identifica-se também a atividade pesqueira profissional, narrada pela professora Alexandrina Lopes, nascida em Foz do Iguaçu em 1956. Seu pai, após ser obrigado pelo governo Stroessner a deixar terras paraguaias da fronteira, onde, na década de 1950 havia constituído um cafezal, passou a trabalhar, de 1966 até o final da década de 1970, com a venda de pescados provenientes do Rio Iguaçu, que ele comercializava em toda a região norte do Paraná.

Pontuemos uma das tensões do tempo presente: entre pesca e conservação ambiental. Uma problemática tomada como uma das justificativas para a restrição do acesso público e turístico aos passeios na mata, bem como para o controle do acesso às margens do rio. No entanto, no caso específico do espaço do Poço Preto, há que se considerar sua importância como um lugar de identificação e lembranças compartilhadas. Com a restrição do acesso da população em geral a esta área do parque, acompanhada por uma “privatização” do local, já que o passeio guiado torna a região acessível somente àqueles que têm condição de pagar cerca de cem reais pela caminhada na mata. Vem à tona uma contradição entre os sentimentos de pertença, registrados nas narrativas de memória, e uma “elitização” dos usos sociais do espaço no tempo presente.

Outro espaço praticado é o Porto Canoas, cenário de “piqueniques” e “churrascadas”, registrados em inúmeras fotografias. Perto dali, um pouco mais acima na mesma margem do rio, se localizava a casa do funcionário do parque, Pedro Berg, em cujo quintal se constituiu uma área de camping. Sua esposa, Maria, narra que vendia “meio sabonete” e cedia o banheiro para quem estivesse acampado, em sua cozinha foi adaptada uma janela em formato de balcão, através da qual comercializava água e refrigerantes. A atividade representava uma complementação da renda familiar e a prática fora encorajada pelo próprio administrador do Parque, tendo em vista que a infra-estrutura de banheiros para visitantes era incipiente até a década de 1990.

O Porto *das* Canoas era assim chamado por ser o local de onde as canoas a remo, conduzidas por Franz Kohlenberger, partiam rumo à aventura de chegar o mais próximo possível da Garganta do Diabo. Ele era recém-nascido, quando seus pais emigraram da Áustria para o Brasil buscando uma alternativa econômica para a crise de 1929. Transcorridos 27 anos, Franz viajou do estado de São Paulo para a região oeste do Paraná, interessado em trabalhar com hotelaria. Buscou trabalho no Hotel das Cataratas, foi contratado como barman em 1958, e como gerente em 1965. Uma época em que o acesso às vistas dos saltos exigia caminhadas pelas pedras. Impressionante é o tom de naturalidade do narrador nos explicando como chegava ao local da fotografia que tem em mãos:

**Franz Kohlenberger:** Esses caminhos, quando eu descia na garganta do diabo de corda, tinha um coqueiro. Não tinha passarela. Aí você atravessava em cima, e vê assim, são três Santa Maria. Você desce, tinha um escada aqui, você ia chegando até as pedras lá embaixo. Você chegava até na primeira Santa Maria. Aqui não dava para atravessar porque a água era muito forte, então nós atravessávamos por cima, e descemos aqui. Aqui não era tão difícil. Porque a descida já facilitou muito, depois desce a altura de uns 18, 20 metros, aqui você com a corda é fácil. Aí já comecei a treinar. Aqui posso mostrar, amarrei uma corda na escada<sup>3</sup> e fiquei treinando.

Os modos de fruição do espaço natural incluíam a caminhada por pequenas trilhas, torneadas por mourões de madeira com arame farpado. Nas proximidades dos saltos, era necessário o auxílio de pedaços de pau, para chegar aos melhores pontos de vista dos saltos, escalando degraus na própria terra. Tal experiência se altera significativamente a partir da década de 1970, com a construção da primeira passarela. Se antes era uma aventura caminhar por pedras, aventurando-se por alguns percursos que podiam variar de acordo com o nível do rio, a passarela proporcionava maior comodidade, ao mesmo tempo em que passava a

---

<sup>3</sup> A entrevista foi realizada no salão de jogos do Hotel das Cataratas, no canto do salão há uma escada. Ao narrar ele aponta para esta escada indicando o local de seu treinamento, transcorrido quase meio século.

restringir a um percurso pré-determinado, a anterior multiplicidade de pontos de vista possíveis.

### **Modos de chegar**

Descendo o rio abaixo dos saltos, há algumas corredeiras calmas, onde era possível tomar banho, como nos mostra Francisco Amarilla Barreto, que era criança em meados de 1960 e ia a pé de Foz do Iguaçu ao Parque. No passeio preferido do final de semana, a caminhada com os amigos levava seis horas pela estrada “de chão”, ou seja: “não pavimentada”. Naquele mesmo local, as poucas pessoas que possuíam carros, aproveitavam o domingo para lavá-los com as águas do rio. O trânsito de veículos dentro do PNI passou a ser controlado em 1981, com a implantação do primeiro plano de manejo. Até então, todos os veículos que chegavam ao parque transitavam pela estrada até as cataratas. No final da década de 1970 problemas de trânsito e estacionamento tornaram-se comuns nos dias de grande visitação.

As percepções a respeito dos modos de se deslocar no espaço é recorrente nas narrativas e carrega expressividade das aceleradas mudanças tecnológicas do século XX. Chamam atenção tanto os modos costumeiros de se deslocar da cidade até o parque, dentro do parque e, ainda, de outras cidades até Foz do Iguaçu. Por estas picadas, trilhas, estradas de chão e de asfalto, saltam às nossas vistas e ouvidos, algumas percepções sobre a atividade turística, tão importante para o debate sobre os usos do espaço natural do Parque Nacional do Iguaçu.

Claudino Provin, nascido em 1928, no Rio Grande do Sul, migrou para o Paraná motivado por um irmão que vivia em Laranjeiras do Sul. Em 1953, começou a trabalhar de motorista na primeira linha de ônibus de Guarapuava a Foz do Iguaçu, uma jardineira que levava dois dias para cumprir o trajeto, se fizesse tempo bom. Era comum o veículo quebrar no caminho, por onde raramente se via transitar um ou outro jipe, neste caso, o motorista tinha que agir como mecânico. Até o motor Claudino chegou a trocar em plena estrada.

Antes de retornar com o ônibus de linha para Guarapuava, ele passava o dia seguinte à viagem em Foz do Iguaçu. E aproveitava para complementar o salário transportando turistas hospedados na cidade até o rio Iguaçu para conhecerem os saltos. Ele narra como uma aventura vencer os 27 km da estrada de terra deste percurso. Interessante contraste se faz presente ao compararmos a imagem da jardineira, com os “modernos” ônibus de dois andares que transportam os visitantes das Cataratas nos dias atuais.



Para além daquilo que Claudino conta sobre sua atividade profissional, há um trecho de sua entrevista que considero importante para o debate metodológico da história oral, no sentido de que tal opção epistemológica carrega uma riqueza de nuances para a reflexão entre memória e história e onde a performance do narrador se faz tão importante quanto suas palavras. Percebemos na expressividade de seus gestos, entonação e cadência da fala, a força representativa de uma memória coletiva que se atualiza, na oralidade, com dramaticidade de quem vê, imaginariamente, a figura de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. A figura do viajante espanhol é recorrente nos discursos sobre a história “oficial” do parque, e presente na maioria dos depoimentos analisados. Mesmo controversa, a atribuição da “descoberta” das Cataratas a este personagem, em 1542, é a versão oficial que batiza a região como “Saltos de Santa Maria” (KARPINSKY, 2011). Observemos o momento em que a evocação da memória coletiva aparece a partir de uma pergunta sobre suas lembranças pessoais:

**Mônica:** Quando o senhor viu as Cataratas pela primeira vez?

**Claudino:** Tratei de descobrir quem foi que viu cataratas pela primeira vez. Tratei de descobrir. Foi Álvaro Nunes Cabeza de Vaca, em 1541<sup>4</sup>. Quando ele chegou nas Cataratas, viu o salto, ele disse - ele era espanhol -, ele olhou aquele salto, ele disse: Santa Maria, *Mater Dios*<sup>5</sup>, quanta água! [pausa] E ficou. [Pausa]

Daí eu levava lá, fazia o passeio, voltava de tarde, jantava, dormia e no outro dia, seguia estrada de volta.

**Mônica**<sup>6</sup>: E o senhor, quando viu a primeira vez, o quê que o senhor... O que o senhor pensou?

**Claudino:** Eu já perguntei logo a quem... A alguém, se aquele buraco foi um terremoto, um tremor de terra, ou foi a água que fez o buraco? Tratei de descobrir logo. Se foi a água que fez aquele poço que tem lá ou foi um tremor de terra. A turma me respondeu que aquilo foi o peso da água que foi cavando. Não foi tremor de terra.

**Mônica:** E o senhor usou uma expressão boa, o senhor falou “aquele monstro buraco” para mim...<sup>7</sup> Que o senhor falou para mim: “aquele monstro buraco”.

**Claudino:** É, aquele monstro, aquele monstro buraco que tem lá, a garganta do diabo. Que todo mundo [risos], querem mudar o nome, de Cataratas, não pode mudar o nome. O nome das Cataratas está no mundo inteiro. Não só em Foz do Iguaçu está falada. É lembrada no mundo inteiro. A minha fotografia está lá, para os Estados Unidos, para a Itália, para Portugal, por toda parte, a minha fotografia.

Para Claudino, a opção pelo nome “Cataratas” é motivado em razão da fama internacional conquistada, aliada ao próprio circuito de sua fotografia pessoal. Esse registro imagético opera como um documento/monumento que simboliza a memória das práticas

<sup>4</sup> A fala tem um tom solene, e o ano é seguido de pausa. Note-se a diferença de um ano, 1541, em relação ao oficial, 1542. Pequeno lapso que, no entanto, não compromete a certeza presente na expressividade narrativa.

<sup>5</sup> Com as mãos faz um gesto que sugere as quedas d’ água.

<sup>6</sup> A entrevistadora repete a pergunta buscando enfatizar o interesse na experiência pessoal do entrevistado.

<sup>7</sup> Ele não compreende muito bem a pergunta, faz um gesto, e ela repete.

vividas no passado, em contraste com os modos de visitação daquele local no presente. Na voz de Claudino, ecoa uma memória coletiva celebrada e re-atualizada.

A atividade turística coloca em questão dois usos relacionados à fruição e ao lazer: um é o Parque como “bosque dos iguaçuenses”, outro, as Cataratas como um Patrimônio da Humanidade<sup>8</sup>. A dinâmica local-global reverbera na própria alteração do nome de Saltos de Santa Maria para Cataratas do Iguaçu. Ainda estou em busca dos vestígios para situar historicamente a emergência da nova nomeação, porém, na trilha sinalizada por Claudino Provin, arrisco o palpite de que, na dimensão lingüística, opta-se pelo nome de maior sentido para o reconhecimento internacional.

### **Modos de usar**

Dos usos sociais mencionados decorrem algumas tensões com os desafios da conservação ambiental. Atividades de caça, pesca, extração de palmito e madeira são práticas que fizeram parte dos modos de se relacionar com o meio natural, no passado, e que hoje caracterizam uma relação predatória com o meio ambiente<sup>9</sup>. Porém, a questão ganha nuances mais complexas ao acrescentarmos o fator do crescimento do número de visitantes, ano a ano, dentro da dinâmica das Cataratas do Iguaçu como um Patrimônio da Humanidade. De caráter profundamente ligado a uma maquinaria do turismo de massa, que movimenta toda uma indústria hoteleira regional. Decorre daí que a projeção, em grande escala, dos efeitos nocivos de algumas práticas, justifique restrições nos usos do espaço natural. Opiniões divergentes e focos de tensão colocam o desafio de lidar com a escala de mais de um milhão de visitantes por ano. O que exige uma estrutura de logística bem organizada para dar vazão a este fluxo com condições infra-estruturais.

José Tavares Filho foi proprietário de um quiosque de sorvetes nas cataratas entre 1978 e 1982. Trabalhou para a Dolabella em 1939 construindo, a picareta, a estrada das Cataratas, dois anos depois de chegar de União da Vitória (PR) numa viagem de cinco meses em estradas transitáveis apenas por carroças, e sem nenhuma ponte! Ele lamenta: “é nosso, mas não é nosso”, observando o fato de que a própria população tenha ficado um tanto apartada do cotidiano do parque. Novamente recorro à paisagem do Poço Preto, freqüentada, na maioria das vezes, por turistas estrangeiros, e dentre aqueles de nacionalidade brasileira,

---

<sup>8</sup> Título concedido pela UNESCO em 1986.

<sup>9</sup> A prática da caça, ilegal, reconfigura-se no tempo presente agravando o desafio para os gestores ambientais. Se anteriormente era uma caça para consumo próprio, ou por esporte, atualmente carrega o agravante econômico motivado pelo comércio de luxo das peles e animais exóticos.

poucos são parte da população da região que costumava frequentar o local e guarda lembranças dali.

O modo cuidadoso como Tavares insere suas críticas durante a entrevista vale muito para a problemática metodológica que permeia o desenvolvimento desta pesquisa, fundamentalmente centrada na história oral, que exige atenção especial para as relações entre história e memória. E para o aspecto de que o presente da narrativa, – o momento de produção do relato –, é decisivo para a produção das fontes orais. Por isso observo o momento de “comemoração” que envolve os registros aqui abordados, situado em debates contemporâneos importantes, a respeito do “boom” ou “febre de memória” e dedicados a pensar também sobre o esquecimento (HARTOG, 2006; WINTER, 2006; HUYSEN, 2000; RICOEUR, 2007). O presente do relato configura um espaço de celebração em que opera uma produção de sentido entre os narradores. Não podemos ignorar que cada pessoa reflete sobre o que “poderia” dizer, e sobre questões traumáticas que “não deveriam” ser mencionadas. Trata-se, portanto, de um momento em que a prática de lembrar está latente pela celebração de um momento histórico e que, colado a este “tempo de lembrar” está o seu avesso, bem benjaminiano, do “momento de esquecer”.

Por outro lado, trata-se também, pelo caráter de um registro audiovisual, de um momento representativo da oportunidade de falar, com visibilidade de se fazer ouvir. De volta às entrevistas, manifestam-se certos incômodos com o percurso pré-determinado, vigiado e restritivo de visitação das Cataratas, do Poço Preto, do Porto Canoas, das passarelas, trilhas e modos de chegar. Indago: Quais áreas estão disponíveis e acessíveis hoje, e a quais visitantes? De que modos se pode aproveitar o contato com a natureza? Fazer um piquenique? Apreciar o pôr do sol? Observar borboletas?

Para esboçar algumas respostas e propostas, penso no potencial de eficácia de uma abordagem interdisciplinar, com um quadro epistemológico que combine estratégias de pesquisa e ação de educação ambiental, turismo de base comunitária, e etnoconservação. Se restrições são justificáveis diante do massivo número de pessoas que passam pelo parque todos os dias, há que se ampliar formas alternativas de gestão. A pesquisa multidisciplinar é importante para identificar a diversidade de motivações e economias do desejo dos visitantes. A abertura de algumas trilhas alternativas para permitir uma fruição menos restritiva da natureza no Parque, tendo a crer, não significaria um milhão de visitantes/ano caminhando pelo local, já que não é a maioria das pessoas que se interessa em caminhar na mata. Como

está posto, privar aqueles que concebem esta forma de contato com a natureza como um passeio válido não é uma alternativa social justa<sup>10</sup>.

Um ensaio a respeito das trilhas monitoradas para caminhadas pelo parque associadas à educação ambiental ocorre na borda leste do Parque como medida compensatória motivada pela tensão com a população do entorno, agricultores que foram desapropriados devido à delimitação do PNI como Unidade de Conservação, ou descontentes com o fechamento da Estrada do Colono<sup>11</sup>. A questão que depreendo daí: por que é apenas em situações de tensão-compensação que as iniciativas de caráter educacional e comunitário são acionadas?

A flexibilização do acesso aos espaços do Parque, se acompanhada por ações de educação ambiental e monitoria qualificada, representaria uma opção de passeio e, ao mesmo tempo, alternativa de trabalho e renda para a população local. As estratégias de monitoria envolvendo populações de áreas de conservação ambiental são um dos principais relatos a respeito de iniciativas bem sucedidas de turismo de base comunitária<sup>12</sup>. Segundo tal vertente, a diversificação de opções turísticas reduz o impacto decorrente do fluxo massificado e abre oportunidades de trabalho para a população.

No rumo de uma política turística que abrigue características locais acrescenta-se o ponto de vista de Ivan Carlos Baptiston, engenheiro florestal que trabalha, desde 2003, na gestão do PNI. Em seu relato está presente uma idéia de produção artesanal como alternativa gastronômica com faces e sabores regionais, o que representaria uma alternativa viável, tanto para a experiência turística quanto, principalmente, como fonte de trabalho e renda para a população do entorno. Trata-se de um modo de gestão com olhos voltados para a redução do impacto ambiental e social. Parece-me uma proposta especialmente eficaz para as áreas de tensão, por exemplo, com caçadores ou extratores de palmito, ou da prática ilícita da caça.

Ao debate, acrescenta-se o aporte teórico das pesquisas sobre relações históricas entre comunidades e áreas de conservação ambiental. Na problemática entre preservar e conservar, entre a presença ou a ausência do ser humano no ambiente natural, as propostas para a etnoconservação tratam com respeito os conhecimentos das populações, compreendendo que o ser humano é parte da natureza, e não um elemento dicotômico de oposição a ela (DIEGUES, 2000). Nesta linha de pensamento, a reflexão sobre história e memória associada

---

<sup>10</sup> Há ainda, a possibilidade de estudo de alternativas de gestão, a título de pregnância de tema a ser aprofundado, lançar um olhar para a outra margem do rio, para dialogar um pouco mais alguns modelos de gestão e visitação adotados pelo Parque Nacional do Iguazú, na Argentina.

<sup>11</sup> Dois trabalhos se dedicam aos temas mencionados: VENCATTO, 2010 e BÄR, 2009.

<sup>12</sup> As propostas são também nomeadas como ecoturismo comunitário ou turismo sustentável. Importante dossiê foi publicado recentemente, ver BARTHOLLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (orgs.) Turismo de Base Comunitária. Diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro/Brasília: Letra e Imagem, [S/D].

às práticas na natureza, amplia a percepção a respeito do rio Iguaçu, um ambiente natural eleito como patrimônio da humanidade. Acrescenta-se aí, a dimensão do patrimônio cultural representado pelo conhecimento das pessoas que vivem ali e pelas construções sócio-culturais que o envolvem.

### **Modos de lembrar**

Veamos uma última composição narrativa. Versa sobre os usos, talvez um tanto esquecidos, empreendidos pelos povos indígenas. O modo como o narrador se preocupa em fazer lembrar conduz ao panorama da história do tempo presente em face do circuito social das práticas de memória, de narração, e de comemoração.

Na primeira cena gravada da entrevista de Francisco Amarilla Barreto ele aciona o timer de sua câmera fotográfica, posicionada no banquinho onde ele se sentaria para conceder a entrevista, e vem posar a nosso lado. Antes de nosso registro da história oral, é ele quem nos registra em fotografia! De volta ao “lugar de narrador”, pedimos que nos conte um pouco da história da região. Diante da composição do depoimento, mais do que observar “o que” ele diz, vale refletir sobre a própria metodologia da história com fontes orais, pois antes de narrar, Amarilla (como prefere ser chamado) faz uma análise sobre as *opções* do contar:

**Amarilla:** Só que não vou mostrar uma visão crítica, mas uma visão histórica, senão o público depois, pode alguém se ofender depois! Isto tem que [ser], para todas as culturas e crenças. É mais ou menos assim a história. (...) <sup>13</sup> Então, o Parque Nacional do Iguaçu hoje, não adianta a gente contar a história, porque funciona assim: o nosso público merece saber. E quem sabe da história tem a obrigação de contar. Então já começa por aí: quem habitava aqui. Hoje nós estamos aqui, mas antes de nós, brancos, essa terra toda, já tinha gente aqui, e sem falar os animais. (...)

Nascido em Vila Rica, no Paraguai, em 1956, Amarilla dedica-se, há 36 anos, a estudar as culturas indígenas, especialmente os conhecimentos etnobotânicos. Em sua narrativa, notaremos reincidentemente uma forte presença da reflexão sobre o conceito de história como um embate entre o que é lembrado e o que é esquecido. A eleição deste depoente estava vinculada à importância de registrar a presença indígena na região. A eles deve-se a própria nomeação do Rio como Iguaçu, cuja raiz etimológica é trazida do Guarani, com o significado de Água Grande. Porém, discursos fundantes da memória “oficial” tendem a “esquecer” contribuições bem mais significativas das culturas dos povos indígenas, e o

---

<sup>13</sup> Por estar situada no depoimento, vale mencionar que estas reticências referem-se a um momento em que a narrativa faz algumas redundâncias, que podem ser explicadas pelo estado emocional do início de uma entrevista diante da câmera de vídeo. São palavras soltas, inícios de pensamentos que serão desenvolvidos no decorrer do depoimento. Para não cansar ou confundir a leitura, optei por suprimi-las e seguir direto ao ponto em que a narrativa estabelece-se mais fluidamente.

Parque não foge à regra comum em nosso país. Observemos um trecho a mais, depois que Amarilla nos descreve uma lista de locais onde estão estabelecidos povoados remanescentes das culturas indígenas que ocupavam a região, atualmente dimensionada como Unidade de Conservação do PNI. Tudo isto ainda nos primeiros cinco minutos da entrevista:

**Amarilla:** Porque funciona assim: se você oferecer 100 metros quadrados de mata ao índio, e 10 mil metros quadrados, ou seja, 10 km quadrados, de terra batida. Com certeza ele vai escolher aquele pedacinho de mata. Porque para os índios, a coisa mais sagrada é a mata, vou explicar por que: estamos falando do Parque Nacional do Iguaçu. Na mata eles colhem, ou colhiam, a fruta, caçavam os animais, era seu próprio lar, e o mais importante, para os índios, era o seu laboratório natural de onde extraíam remédios para curar as doenças. Hoje o xamã, ou médico natural, não tem mais poder porque a mata acabou, acabou seu laboratório. E quem acabou? O homem branco. Mais uma vez: os índios estão aonde? Estão espalhados pelo mundo como \sem terras. Essa é a parte triste da história.<sup>14</sup>  
É que eu fico um pouco revoltado, não repara, quando começo a falar! Tá... E agora vamos falar o quê?

Amarilla emociona-se e pede desculpas, justificando sua emoção ainda por mais duas vezes antes que possamos seguir com a entrevista. O profundo sentimento em relação aos povos indígenas pode ser compreendido quando observamos sua trajetória pessoal, seu pai é de ascendência Guarani e migrou, do Paraguai para Foz do Iguaçu, como trabalhador na construção da Ponte da Amizade. Vale relacionar aqui, uma linha de discussões epistemológicas da história oral, que consideram o relato tanto no que ele expressa de *informação*, quanto, principalmente, *interpretação biográfica*. (ALBUQUERQUE JR, 2007; POLLAK, 1992; PORTELLI, 1996; THOMSON, 1996). Assim, se a memória construída, no presente, em torno do Parque Nacional do Iguaçu, tem o dever de se lembrar dos povos indígenas, isto não se deve somente à herança da nomeação, mas a toda uma construção cultural que, como sinaliza o depoimento de Amarilla, considera a ancestralidade destes povos na floresta. É ele quem nos lembra uma fundamental forma de praticar o espaço natural: os conhecimentos botânicos e terapêuticos. E, mais além, ele nos lembra um aspecto fundamental da operação historiográfica:

**Amarilla:** Quem sabe tem obrigação de contar e quem não sabe tem o direito de saber (...). Porque o historiador que não repassa o que sabe, a história morre, se não registra e não passa para alguém, morre, então tem que perpetuar a história.

Desta mirada às considerações finais. Volto os olhos para o próprio processo de constituição da fonte de pesquisa, considerando que, sem o “acontecimento” do projeto

---

<sup>14</sup> Aqui temos uma pausa e um silêncio significativo emocionado.

comemorativo Memória das Cataratas, não haveriam vários dos registros utilizados na pequena história que acabo de contar. Com a mensagem de efeito: “No futuro, seu passado estará presente”, uma campanha de comunicação foi veiculada na televisão, cinemas, outdoors, folders e cartazes distribuídos em instituições culturais e educacionais. Iniciado no segundo semestre de 2007, até setembro de 2008 o projeto já contava com 190 colaboradores e mais de 3 mil fotografias catalogadas<sup>15</sup>.

Foi a primeira grande iniciativa de levantamento fotográfico empreendida na história do PNI e o sucesso da experiência demonstra o potencial de atuação de uma boa campanha de comunicação para mobilizar as colaborações. Metodologicamente considero um aspecto importante desta experiência no que tange à visibilidade dos diversos meios como uma boa estratégia para a constituição de arquivos e acesso às fontes. Originalmente, o projeto se encerraria com o banco de imagens. No entanto, durante o processo, perceberam que as histórias que se desdobravam a partir das fotografias, e para além das imagens, representavam uma rica memória. Isto motivou a composição do acervo de depoimentos em vídeo<sup>16</sup>.

Se a dinâmica das comemorações e a pulverização das políticas de identidade são um ponto chave no tempo presente, é significativo considerar que foi o contexto de comemoração que criou as condições necessárias para que o projeto (elaborado em 2005), saísse do papel e pudesse ser realizado. No Brasil, trata-se de um desafio comum para projetos de patrimônio cultural regional. O espaço de reconhecimento e interesse, em geral, só é bem sucedido quando as ações de salvaguarda vêm acompanhadas por eventos de visibilidade. A idéia de organização de um memorial para reunir o acervo, no objetivo de disponibilizá-lo ao público de visitantes e pesquisadores já foi delineada e busca, desde 2009, recursos para sua implementação. Neste sentido, para além das reflexões sobre o passado e o presente das experiências, colocam-se os desafios para o futuro representado pela acessibilidade às narrativas.

No presente, existem os registros, entre estes e a história, a trilha das dinâmicas do desejo de memória e esquecimento. Tratei aqui, de uma breve apresentação do que salta aos

---

<sup>15</sup> Para cada colaborador ou colaboradora, preenchia-se uma ficha com dados pessoais, resumo biográfico e uma breve descrição a respeito de cada imagem. A seguir as imagens seguiam para a digitalização e, após serem scaneadas, eram devolvidas aos colaboradores. A estratégia incluiu, ainda, ações diretas em grupos de interesse, como a Associação de Amigos de Foz do Iguaçu, em Curitiba, para onde migraram vários antigos moradores da cidade.

<sup>16</sup> Diante do prazo de realização do projeto, sempre em contagem regressiva até a data comemorativa de 10 de janeiro de 2009, os setenta anos do Parque, operou-se uma necessária seletividade de 40 depoentes, escolhidos de acordo com alguns critérios indicados por nós: idade avançada, expressividade narrativa, diversidade de experiências para expressar uma gama variada de pontos de vista. O roteiro de entrevista com cada pessoa foi elaborado associando história de vida e algumas temáticas previamente identificadas na coleta das fotografias.

olhos à prima vista. Daqui em diante, as variações do olhar conduzirão o caminho a seguir. Para o momento, ficam os sentidos atribuídos ao espaço por aqueles narradores dedicados a visitar suas lembranças e nos mostrar, para além de uma lógica de “passagem”, que existe na relação com os lugares, vínculos com as formas de “estar”. De certo modo, pertencemos ao meio ambiente, muito mais do que ele remotamente poderia nos pertencer.

## **Fontes**

**Alexandrina Lopes.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 07 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Claudino Provin.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 02 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Francisco Amarilla Barreto.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 28 de setembro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Franz Kohlenberger.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 06 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Gabriel José de Carvalho.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 02 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Irineu Basso.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 03 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Ivan Carlos Baptiston.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 29 de setembro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**José Maria da Silva Tavares Filho.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 01 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Maria Dias Berg.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 04 de outubro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

**Pedro Berg.** Entrevista (vídeo) concedida a Daniel Choma, Mônica Laurito e Tati Costa, dia 30 de setembro de 2008, em Foz do Iguaçu/PR.

## **Referências**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral. **História.** A arte de inventar o passado. Bauru: Edusc,2007.p.229-235.

BÄR, Eliana Cristina. **Parque Nacional do Iguaçu e comunidades do entorno:** gestão e conflitos. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSC, Florianópolis, 2009.



- BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (orgs.) **Turismo de Base Comunitária**. Diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro/Brasília: Letra e Imagem, [S/D].
- CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**, 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CORREA, Marcos Sá e ALDÉ, Lorenzo. **Meu vizinho, o Parque Nacional do Iguaçu**. Cascavel: Tuicial, 2009.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna (org). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Hucitec: NUPAUB-USP, 2000.
- DUARTE JR. João-Francisco. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível**. 4. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio**. Varia História, Belo Horizonte, v.22, n.36, jul/dez.2006.
- HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KARPINSKY, Cezar. **Navegação, Cataratas e Hidrelétricas: discursos e representações sobre o Rio Iguaçu (Paraná, 1853-1969)**. Tese (Doutorado em História), UFSC, Florianópolis, 2011.
- MEMÓRIA DAS CATARATAS. Documentário de Daniel Choma, Foz do Iguaçu : Câmara Clara: Parque Nacional do Iguaçu: L3 Comunicação, 2009, 18 min, COR, DVD. Acesso em 30/09/2011 [http://www.camaraclara.org.br/videos\\_17\\_cataratas.htm](http://www.camaraclara.org.br/videos_17_cataratas.htm)
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p.200-212. Arquivo em download, paginação diferenciada: 01-15.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, RJ, v.1, n.2, 1996, p. 59-72.
- RICOEUR, Paul Ricoeur. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória. Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História** 15, SP, n.15, abr. 1997, p.51-84.  
Turismo Base Comunitária
- VENCATTO, Rudy Nick. **“Mas com isso a gente começou duas vezes no meio do mato”**: memórias dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu (Oeste do Paraná, 1970-2009). Dissertação (Mestrado em História), UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p.200-212.
- WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e Imagem, Memória e Escrita**. Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.